

O lúdico como ferramenta de aprendizagem de leitura e escrita

Playfulness as a learning tool for reading and writing

Patricia Oliveira Crespo Nunes¹
Camila Gonçalves Santos do Canto²
Ana Cristina da Silva Rodrigues³

Resumo: Este trabalho visa investigar o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, por meio de uma pedagogia lúdica, nos anos iniciais em uma escola da rede pública estadual do município de Jaguarão/RS de modo a analisar os motivos que acarretam as dificuldades de ler e escrever. A metodologia utilizada no trabalho foi a investigação qualitativa e como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas observações, entrevistas e intervenção. Nos resultados alcançados estão apresentados os aspectos positivos e negativos, pois nem sempre as atividades ocorreram da forma esperada; porém, através dos dados coletados, percebeu-se que os aprendizes aprenderam a enfrentar desafios no processo da leitura e escrita, uma vez que se tornaram mais participativos e ativos. O lúdico enquanto prática psicopedagógica é uma possibilidade de auxiliar os alunos com dificuldade nas práticas de leitura e escrita, uma vez que fomenta o engajamento e a brincadeira por meio de tarefas que levam em consideração o contexto e o nível de aprendizagem dos alunos. Cada indivíduo tem a sua forma de aprender e o psicopedagogo é o profissional habilitado a auxiliar as pessoas a lidar com as suas dificuldades e também a conduzir uma forma mais eficaz para que aprendizagem aconteça de fato.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Lúdico. Aprendizagem.

Abstract: This paper aims to investigate the teaching and learning process of reading and writing based on a playful teaching approach in the early years at a state-run public school in the city of Jaguarão/RS in order to analyze the reasons for reading and writing difficulties. The methodology used was qualitative research, and observations, interviews and intervention were used as data collection instruments. The results achieved showed the positive and negative aspects, since the activities did not always occur as expected. However, based on the data collected, it was noted that the learners involved learned to face challenges in reading and writing as they became more engaged and active. A more playful teaching approach as a psycho-pedagogical practice may help students with difficulties in reading and writing, since it encourages engagement and play in different tasks that take students' context and learning level into account. Each individual has his or her own way of learning and the psychopedagogue is the professional qualified to help people deal with their difficulties and to contribute to effective ways of learning.

Keywords: Reading. Writing. Playfulness. Learning.

¹ Mestranda em Educação e Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Jaguarão, RS, Brasil.

² Professora Adjunta do Curso de Letras – Português EaD da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Câmpus Jaguarão-RS.

³ Doutora em Educação, professora permanente do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão. profanacrisrodrigues@gmail.com

Introdução

O presente trabalho objetiva investigar o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais em uma escola da rede pública estadual do município de Jaguarão/RS, de modo a analisar os motivos que acarretam as dificuldades de ler e escrever.

O interesse por esse tema se deu em decorrência da percepção em torno dessa temática, que vem se apresentando de forma constante em diálogos abertos com colegas de profissão, em experiências vivenciadas na sala de aula e também a partir de participações em seminários dos surgem algumas incertezas e dúvidas sobre esta temática, tais como: por que muitos educandos dos anos iniciais chegam ao final deste ciclo sem saber escrever corretamente e com dificuldades na leitura? Por que os alunos não conseguem compreender aquilo que leem? Como está se dando o processo de alfabetização? Quais são as dificuldades enfrentadas pelas crianças dos anos iniciais? Quais contribuições podem ser dadas para amenizar essas dificuldades? Quais metodologias podem ser aplicadas? A pedagogia lúdica pode auxiliar no processo de leitura e escrita?

Essas questões revelam que essa discussão deve começar dentro das escolas, mas não só para apontar os problemas existentes na relação entre o ensino e a aprendizagem e nas causas das dificuldades de leitura e escrita enfrentada pelos educandos dos anos iniciais, mas para também procurar soluções para superação dessas dificuldades. É necessário ter em vista que investigar não se resume apenas em observar, mas também em sugerir práticas inovadoras no que tange ao processo de leitura e escrita nos anos iniciais. Para tanto, acredita-se que esta seja uma proposta bem interessante para ser pesquisada, buscando dados, conceitos, informações, questionamentos, resultados e possíveis soluções. Ademais, esta temática apresenta aspectos fundamentais para a educação e formação dos indivíduos, sendo que as dificuldades de aprendizagem podem afetar a formação dos alunos.

De acordo com a Constituição Federal, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) 9394/96 garantem o ingresso e permanência das crianças na escola, porém não temos uma lei que garanta o ensino de qualidade para cada aluno. Porém temos o PNAIC (Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa (2015, p.20), que afirma:

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental.

A questão é se o compromisso que foi formalizado pelos governantes está sendo efetivado nas escolas e pelos professores. O Pacto tem, na realidade, a intenção de acabar com o analfabetismo funcional, tendo em vista que a alfabetização é parte fundamental na formação do indivíduo e que o professor alfabetizador é parte fundamental neste processo. Para que o pacto funcione de maneira efetiva, é preciso ter dedicação do alfabetizador, pois é um processo que exige qualificação, estudo e mobilização, além de utilização de ferramentas como livros didáticos, jogos e atividades lúdicas. Dessa forma, com este artigo pretende-se auxiliar a aprendizagem dos alunos e não apenas elencar as dificuldades encontradas na sala de aula. Além disso, para compreender este trabalho, é preciso entender que escrever não é fazer cópia do quadro, por exemplo. Escrever é saber decodificar o texto. E ler não é apenas decifrar, assim como afirmam Ferreiro & Teberosky (1999).

A partir de Husken (2010), percebe-se que as ferramentas psicopedagógicas poderão auxiliar na resolução de possíveis problemas de dificuldades que poderão ser encontrados na classe que será utilizada na turma alvo de estudo.

Estuda o ato de aprender, considerando em conjunto, as realidades internas e externas da aprendizagem. Estuda a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, tratando com igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais inerentes a esse processo. (HUSKEN, 2010, p. 22).

Este trabalho objetiva investigar possíveis causas da dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita de alunos frequentadores desta escola pública estadual em uma turma de quarto ano, onde os alunos são caracterizados com dificuldades de aprendizagem. Para tanto, será apresentado através do referencial que será utilizado os eixos do trabalho: leitura e escrita nos anos iniciais, o lúdico no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita. Tem-se em vista propor, bem como sugerir atividades psicopedagógicas lúdicas que potencializem o processo de alfabetização e letramento. Além disso, almeja-se diagnosticar possíveis fatores que causam a incapacidade de alfabetização dos alunos, bem como a importância do professor durante as atividades de leitura e escrita no contexto dos anos iniciais.

Método

Delineamento e participantes

A pesquisa desenvolvida foi realizada com uma turma de quarto ano de uma escola pública, onde os alunos são caracterizados com dificuldades de aprendizagem. A faixa etária dos alunos a qual a intervenção foi realizada era de nove a quatorze anos de idade, sendo que a turma continha dezesseis alunos. Esta turma foi indicada pela direção da escola a partir da justificativa de serem alunos caracterizados com

dificuldade de aprendizagem; a escola separou o quarto ano em duas turmas, a fim de possibilitar equidade na aprendizagem. A intervenção foi realizada em cinco encontros com os alunos; em cada um dos encontros foram realizadas até três atividades lúdicas, tais como: contação de história, jogos, brincadeiras, atividades de leitura e escrita.

No primeiro encontro foi realizado um jogo de stop, a hora do conto e um ditado. Com essas atividades pretendia-se perceber como estava a relação com a escrita destes alunos.

No segundo dia, foi realizado o jogo da força a partir das atividades do ditado do dia anterior, a fim de que eles percebessem seus erros, para encerrar essa atividade foi devolvido os ditados para que eles mesmo realizassem a correção e a última atividade deste dia, foi a história continuada, tendo como objetivo exercitar a escrita.

Na terceira intervenção iniciou-se com o jogo de rimas, a fim de que as crianças realizassem a leitura das palavras e percebessem a conexão dos sons semelhantes e a segunda atividade do dia era montar propagandas, com imagens, cartolina e canetas; eles deveriam utilizar-se da escrita e da imaginação para vender um produto de sua escolha, além disso, também explorar a oralidade.

Para o quarto encontro foi programado o jogo de mímica; neste os alunos deveriam ler o desafio proposto e expressar-se com o corpo a fim de que seus colegas identificassem tal expressão e, após a atividade proposta, o desafio era ler um trava línguas para a turma, primeiramente a leitura de forma silenciosa e individual e, posteriormente, ao grande grupo.

A quinta e última atividade tratava-se de montar textos em grupo; essa atividade exigia que os alunos montassem textos com coerência a partir de palavras soltas impressas e diversos sinais de pontuação; eles teriam que colar em uma cartolina as palavras, montando um texto ou história contendo sentido no contexto. É fundamental destacar que as atividades foram sendo planejadas de acordo com as dificuldades apresentadas pelos educandos, conforme a necessidade do grupo.

Instrumentos e procedimentos

A metodologia de trabalho utilizada foi a investigação qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados observações, entrevistas e intervenção (BOGDAN E BIKLEN, 1994). Primeiramente, para fazer a recolha de dados, foi apresentada a proposta de trabalho na escola. Em seguida o trabalho foi iniciado a partir da observação que foi realizada de forma discreta, apenas analisando os contextos educativos, os conflitos, os sentimentos, entre outros. As observações foram realizadas em oito dias em períodos de duas horas.

Após foi realizada uma entrevista com a professora e uma entrevista semiestruturada com os aprendizes que foram gravadas para uma maior flexibilidade e por exigir menos formalidade. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.137) “ser flexível significa responder à situação imediata, ao entrevistado sentado a sua frente e não a um conjunto de procedimentos e estereótipos predeterminados”.

A intervenção foi realizada com uma turma de quarto ano de uma escola pública, através de atividades lúdicas. A partir deste trabalho foi notória a grande dificuldade dos alunos com as atividades de leitura e escrita; contudo, foi bastante significativo o envolvimento dos alunos a partir das atividades. Também foram utilizados como dados de pesquisa os trabalhos escritos desenvolvidos ao longo da investigação. Esses dados foram de extrema importância, uma vez que colaboraram para a reflexão sobre o objeto de estudo desta pesquisa que é o processo de ensino das práticas de leitura e escrita nos anos iniciais. A relevância desses dados vai ao encontro do que propõem Bogdan e Biklen (1994), quando comentam sobre os objetos e acontecimentos que devem ser levados em consideração nas pesquisas qualitativas:

A investigação qualitativa envolve pegar nos objectos e acontecimentos e levá-los ao instrumento sensível da sua mente de modo a discernir o seu valor como dados. Significa aperceber-se da razão por que os objectos foram produzidos e como isso afeta a sua forma bem como a informação potencial daquilo que está a estudar (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.200).

O trabalho foi organizado e sistematizado com o material acumulado ao longo da investigação. No decorrer deste, por uma questão de ética não foram utilizados os nomes dos alunos, apenas a nomenclatura Aluno n°; para uma melhor visualização sobre cada educando, será especificada a idade de cada aluno no quadro abaixo:

Quadro 1 – Idade dos participantes

Aluno	Idade
Aluno 1	14 anos
Aluno 2	10 anos
Aluno 3	9 anos
Aluno 4	9 anos
Aluno 5	11 anos
Aluno 6	10 anos
Aluno 7	10 anos
Aluno 8	10 anos
Aluno 9	10 anos
Aluno 10	9 anos
Aluno 11	9 anos
Aluno 12	9 anos
Aluno 13	9 anos
Aluno 14	10 anos
Aluno 15	10 anos
Aluno 16	9 anos

Fonte: elaborada pelas pesquisadoras

Resultados

No decorrer das intervenções foram realizadas diferentes atividades lúdicas, com objetivo de perceber as dificuldades dos educandos no processo de leitura e escrita. Apesar do contado durante o período de observação, a intervenção inicialmente causou estranheza aos alunos quanto ao papel de “educador”.

Inicialmente os alunos ficaram ansiosos e curiosos em relação ao trabalho proposto e para saberem o que iria ser realizado; ao saber que seriam atividades de leitura e escrita eles ficaram em silêncio, mas quando mencionado que essa seria através de jogos eles festejaram.

A primeira atividade realizada foi o jogo de Stop, para o qual a turma foi dividida em dois grupos. A participação foi feita por um representante de cada grupo por vez. Cada um teria que responder oralmente: nome de pessoa, cidade, país ou estado, cor, fruta, roupa, entre outros itens. A palavra teria que ser de acordo com a letra inicial escolhida em um de quatro dados que seriam lançados por cada participante. Nessa atividade, todos os alunos tiveram dificuldades; além disso, muitos falaram palavras diferentes que nem sequer começavam com um som parecido. Por exemplo, a letra escolhida era T e um aluno falou fruta Bergamota.

Ainda no primeiro dia, foi realizada a hora do conto com a história “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Ortó. Todos ficaram atentos à história e pediam para ver as imagens. Em seguida foi realizado um ditado a partir das palavras do texto; os alunos participaram, apesar de levarem um longo tempo para escrever e o Aluno 13 comentou na observação que não gostava de escrever, mas fez o ditado sem reclamar.

O lúdico deixa os alunos motivados, a ludicidade faz com que, na maioria das vezes eles, nem percebam que são atividades relacionadas à aprendizagem. De acordo com Cunha (2001), percebe-se a importância do brincar, sendo este fundamental na infância, sendo que a brincadeira funciona como um “treinamento” para a transformação já que a infância é a fase de experimentação e de conhecimento, sendo a brincadeira a melhor forma de exercitar e a principal ferramenta de aprendizagem

No dia seguinte de intervenção foi realizado um jogo da forca, a partir das palavras utilizadas no ditado. Foi montada a forca no quadro, a turma foi dividida em dois grupos, A e B, um por vez, seguindo a ordem da fila, teria que falar uma letra para adivinhar a palavra a ser montada, o grupo que acertasse a palavra primeiro marcaria um ponto. Depois de ter montado todas as palavras na forca, foi realizada uma listagem no quadro com essas palavras e, em seguida, foram entregues os ditados aos alunos para que realizassem a correção.

Com a atividade acima, os alunos perceberam por si só seus erros ortográficos e suas dificuldades de escrita; não foram expostos e nem se sentiram envergonhados por cometerem os erros. Eles mencionavam suas dúvidas e compreenderam que havia a necessidade de prestar atenção na hora da escrita. Este dado observado foi ao encontro do argumento de Ferreira (2001, p.103), quando afirma: “Em vez de nos perguntarmos se “devemos ou não devemos ensinar” temos de nos preocupar em dar às crianças ocasiões de aprender”.

Em seguida foi proposta a atividade “história continuada”. A dinâmica é semelhante à brincadeira telefone sem fio. Um aluno começa escrevendo a história e, ao ser solicitado pelo educador, ele passa sua folha para o colega de trás; este terá que dar continuidade a sua história e assim por diante, até que todos deem a sua contribuição. Na proposta desta atividade tinha-se expectativas positivas sobre o envolvimento dos aprendizes, porém ela tomou um rumo de xingamentos e ofensas. Foi necessária a interrupção da atividade e a retomada da explicação da proposta, trabalhando com valores pessoais como respeito que são fundamentais no convívio social, e mostrando que ofender os colegas não é uma atitude louvável e que era desprezível este tipo de atitude, solicitando que eles retomassem o trabalho de uma forma que atingissem os objetivos propostos, ou seja, criar uma história a partir da escrita dos colegas.

Além dos problemas de conduta citados acima, a escrita dos educandos foi bastante preocupante pelo excesso de erros ortográficos; além da dificuldade de compreensão, os textos ficaram sem nenhum sentido na sua grande maioria e algumas palavras tiveram que ser decifradas. Contudo, o fato da grande maioria dos alunos ter encarado o desafio da escrita, pois a brincadeira não deve ser feita sem significado, mas deve ter objetivo. Além disso, segundo os autores Luz, Oliveira & Souza (2011, p.13480), cabe ao professor “organizar suas atividades de maneira a qual possibilite ao aluno um aprendizado progressivo, selecionando e utilizando meios mais significativos para realizá-los”.

Na terceira intervenção, foi proposta a atividade de caça rimas, sendo os alunos divididos em dois grupos. Foram coladas imagens no quadro e em uma classe foram colocadas as palavras com rimas correspondentes viradas para baixo. Um aluno por vez teria que desvirar uma palavra e achar a sua rima de acordo com as figuras do quadro. Cada rima encontrada dava um ponto para o grupo. Os aprendizes tiveram uma certa dificuldade em encontrar algumas rimas, pois apesar de estarem em grupo, eles tinham que achar a rima de forma individual e eles não conseguiam compreender algumas palavras escritas no papel por lerem silabicamente. A aluna 7 não conseguiu acertar a primeira rima e desistiu da brincadeira.

A segunda atividade do dia foi de montar propagandas; os alunos tinham várias imagens de produtos variados para que eles pudessem escolher um ou mais produtos de seu gosto e, em seguida, teriam que montar cartazes de propagandas para venderem seus produtos. Eles ficaram inseguros inicialmente, depois a maioria deles participou tranquilamente. O Aluno 16 fez sua propaganda com um ótimo desempenho na oralidade, mas a sua escrita não foi desenvolvida. De forma geral os alunos tiveram dificuldade para realizar a escrita, porém demonstraram-se empolgados para fazer suas propagandas e apresentarem seus produtos. Além disso, ainda tiveram alguns que escrever, porém tiveram vergonha de fazer a apresentação e pediram para outros colegas executarem. Esta intervenção vai ao encontro do argumento de Tubelo (2013, p.3):

O brincar pode ser intelectual, pedagógico, terapêutico, socializador, simbólico, criativo, repetitivo, solitário, coletivo, paralelo. O importante é que ele promova autoria e autonomia, que possibilite à criança sua própria resolução dos conflitos ou desafios, onde o adulto tem papel apenas de mediador e não de condutor do brincar.

A partir dos dados apresentados fica visível que os alunos através da ludicidade aprenderam a enfrentar seus medos e a criar articulações para desempenhar suas dificuldades; perceberam que se apoiar aos colegas era melhor que “atacar”, conseguiram desenvolver uma atividade em grupo sem ser solicitado.

No penúltimo encontro, foi realizado o jogo de mímica com a turma que foi dividida em dois grupos. Um participante de cada vez escolheu um cartão com uma palavra e a partir desta tiveram que fazer a mímica, sendo que o grupo que acertasse fazia um ponto. Nesta atividade, foi a primeira vez que todos os alunos conseguiram ler sozinhos e compreender aquilo que estavam lendo. Apesar de inicialmente alguns sentirem-se constrangidos, posteriormente todos entraram na brincadeira e realizaram a atividade com êxito.

A segunda atividade deste dia foi trava línguas. Cada aprendiz pegou uma ficha com trava línguas, sendo a escolha aleatória. Para iniciar foi realizada uma leitura individual e silenciosa. Em seguida um por vez fez a leitura do seu trava línguas para a turma. Os alunos acharam divertida a brincadeira, mas alguns tiveram dificuldades em ler palavras menos conhecidas.

Os Alunos 13, 7 e 6 solicitaram ajuda enquanto elas realizavam a leitura frente aos colegas. E ainda estes e outros questionaram porque as aulas não poderiam ser sempre realizadas desta forma. Foi notável que, conforme os alunos foram se sentindo seguros em relação às atividades, foram se tornando mais participativos.

Os estudantes com dificuldades de aprendizagem em geral, precisam de ajuda para aprender como modificar comportamentos e ações que facilitem a aprendizagem. Dessa forma o professor deve usar atrativos nas aulas que facilitem a compreensão de todos os alunos, tenham eles dificuldades de aprendizagem ou não (SILVA, 2012).

No último dia, foi realizada a atividade chamada Textos Montados. Para a realização dessa atividade foram utilizados: frases, palavras e pontuações em tiras de papéis, cartolina e cola. Como proposta foi feito um desafio para os alunos criassem em grupo uma história a partir do material disponibilizado.

Os alunos tiveram dificuldades em montar os textos, até mesmo porque eles não gostavam das ideias dos outros. Eles levaram bastante tempo para executar a atividade e não conseguiram atingir um dos objetivos que era montar um texto com sentido e coerência. Em relação à leitura, os aprendizes que haviam se apresentado mais timidamente até o momento e que não costumavam apresentar-se em frente à turma, desta vez, apresentaram, alguns sozinhos e outros com o grupo, porém, todos com participação efetiva. É válido destacar que eles se organizaram sozinhos para a apresentação. Cabe ressaltar que este foi o único dia em que a professora da turma não se fez presente no decorrer da intervenção. Desta forma, acredito que a participação dos alunos mais tímidos pode estar ligada à ausência da professora. Notou-se que eles se sentiram mais seguros para participar das atividades.

Por fim, destaca-se que a relação do jogo com a aprendizagem somente é significativa se houver um planejamento em vista das dificuldades apresentadas pelos educandos, de acordo com Santos (2011, p.17): “Para que o jogo possa desempenhar a função educativa é necessário que este seja pensado e planejado dentro da sistematização do ensino e com respaldo nas teorias contemporâneas do jogo”

Discussão

Ainda existe uma grande confusão entre os conceitos de alfabetização e letramento; apesar desses dois conceitos serem muitos discutidos, há uma representação equivocada por parte de muitos educadores e acadêmicos que confundem a ambos. Até mesmo porque separar letramento de alfabetização é mais fácil na teoria do que na prática, pois geralmente eles andam juntos.

Segundo Soares (2003, p.11-12), letramento se refere “ao uso social da escrita”. Não basta a criança conviver com muito material escrito, é preciso também orientá-la sistematicamente e progressivamente para que possa se apropriar da linguagem escrita. Isso é feito junto com o letramento, sendo que o nível deste aumenta de acordo com o

contato que temos, com o passar do tempo, na apropriação de novas tecnologias e também no contato com livros e jornais.

Para Carvalho e Mendonça (2006), alfabetização está relacionada a saber ler, é decifrar o que está descrito independente dos dialetos ou grupo social, pois linguagem cada um segue a sua, de acordo com a sua região, mas a representação gráfica é a mesma para todo o país.

Letramento não é propriamente a leitura de palavras e/ou textos, mas sim a compreensão de um filme, uma receita, uma lista de compras, um rótulo ou embalagem, são os sinais de trânsito ou placas de informações, letramento é a leitura do mundo. Já a alfabetização trata-se do conhecimento do alfabeto e da sua união em forma de representação de códigos, ou seja, na formação de palavras. Além disso, só se considera uma pessoa alfabetizada quando ela compreende aquilo que lê, faz interpretações, crítica e faz ressignificações. De acordo com Maciel e Lucio (2008, p.13),

Muitos professores ainda acreditam que somente após o processo de alfabetização é que deve ser iniciado o processo de letramento, ou seja, que para se tornar letrado, é preciso, primeiramente, adquirir a tecnologia da escrita. Em outros casos, observa-se o contrário: professores privilegiam a interação com textos, entretanto, não dão atenção aos aspectos específicos da alfabetização, o que compromete seriamente o processo de aquisição das habilidades de ler e escrever.

Deste modo, talvez falte um equilíbrio nas metodologias aplicadas pelos professores dos anos iniciais, utilizando-se tanto das práticas de letramento quanto da alfabetização, pois é preciso realizar uma interação a partir do mundo letrado; utilizar-se de diferentes recursos pode possibilitar uma compreensão melhor e mais significativa aos educandos.

A tarefa de alfabetizar não é fácil, porém não é impossível, mas esta atividade exige dedicação e disposição do educador, onde este terá que desempenhar a sua função de forma qualitativa, proporcionando aos educandos diferentes possibilidades de se alfabetizar. Este argumento encontra respaldo nas palavras de Ferreiro (2001, p.103): “A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social, é parte de nosso patrimônio cultural”.

Tanto o letramento quanto a alfabetização são importantes, assim como aprender a ler e a escrever são fundamentais na construção técnica do conhecimento. Segundo Paulo Freire (2001), aprender a ler e a escrever é aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto numa relação dinâmica, vinculando linguagem e realidade e ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar

consciência da realidade e de transformá-la. Segundo Soares (2002, p. 144 apud TFOUNI, 1988, p. 9, e 1995, p. 9-10):

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas (TFOUNI, 1988, p. 9, e 1995, p. 9-10).

Desta forma, o letramento está inserido nas aprendizagens de cada aprendiz; até mesmo antes da vida escolar, uma criança letrada identifica um produto pelo seu rótulo, uma placa que pede silêncio ou até mesmo um táxi, o nome de uma marca, acha os seus filmes prediletos, histórias preferidas e até mesmo encontra os jogos dispositivos de computação com grande facilidade, mesmo sem saber ler efetivamente, em outras palavras, letramento é a leitura de vida.

Em se tratando de alfabetização, a aprendizagem é realizada de forma pessoal, é baseada na construção do saber, na codificação e decodificação do conhecimento e também na compreensão e interpretação da leitura e domínio da escrita significativa, ou seja, uma escrita funcional que seja compreendida por todos os leitores, que tenha significado usual.

A forma lúdica, a partir da pesquisa realizada, demonstrou ser eficaz na construção do saber da leitura e da escrita, pois como nos diz o grande mestre Paulo Freire, deve-se trabalhar a partir da realidade do aluno; para tanto, a maior realidade da infância é a brincadeira. Se os alunos fossem estimulados durante a sua vida escolar, principalmente nos primeiros anos, não haveria um índice alto de fracasso escolar e tampouco de evasão escolar.

A brincadeira e o brinquedo são fundamentais para o desenvolvimento, pois é através da brincadeira que se desenvolve a atenção, a memória, a percepção e também o pensamento (VYGOTSKY, 1998). Ainda sobre o brincar e o jogo, Santos (2011, p.17) acredita que “para que o jogo possa desempenhar a função educativa é necessário que este seja pensado e planejado dentro da sistematização do ensino e com respaldo nas teorias contemporâneas do jogo”.

Desta forma, é possível trabalhar as dificuldades de leitura e escrita a partir de jogos e brincadeiras, porém somente é possível se for planejado de acordo com as dificuldades dos alunos. Nesse Sentido, os autores Luz, Oliveira & Souza (2011)

reforçam que cabe ao professor “organizar suas atividades de maneira a qual possibilite ao aluno um aprendizado progressivo, selecionando e utilizando meios mais significativos para realizá-los”.

Através da brincadeira é possível resgatar aprendizagens que não foram apreendidas. O lúdico pode fazer com que os aprendizes assimilam de uma forma mais eficaz estes conhecimentos. Até mesmo porque o ato de brincar para a criança é um ato de seriedade tão intenso quanto o trabalho é para o adulto. Através da brincadeira a criança pode construir inúmeras aprendizagens, os jogos possibilitam que o aluno estimule a sua curiosidade e a sua criatividade e também a variação do ensino pode facilitar a aprendizagem para o aluno.

Cunha (2001) ressalta não só a importância do brincar, mas também porque é fundamental na infância, posto que é na infância que aprendemos as vivências e convivências e, também, para as novas experiências. Desta forma, a brincadeira funciona como um “treinamento” para a transformação, já que a infância é a fase de experimentação e de conhecimento, sendo a brincadeira a melhor forma de testagens e a principal ferramenta de aprendizagem. A criança que tem na sua metodologia de ensino e de aprendizagem os jogos como recurso aprende de forma mais prazerosa. De acordo com Kiya (2014, p. 3):

Na busca por respostas sobre como tornar o ensino agradável tanto para os alunos quanto para os professores descobrimos que o uso de jogos bem como de atividades lúdicas, como recursos metodológicos, podem ser a saída para melhorar o processo de ensino/aprendizagem e tornar o trabalho educacional realizado em nossas escolas mais dinâmico e prazeroso.

A partir das entrevistas com os alunos, realizada no decorrer da pesquisa, foi recorrente o espanto deles ao ser mencionado que nas intervenções estavam sendo desenvolvidas atividades de leitura e escrita, boa parte dos alunos responderam: “Era de leitura e escrita? Eu nem percebi!” Neste sentido, há outro depoimento do aluno 16 que, ao ser questionado sobre qual a diferença entre as atividades de leitura e escrita desenvolvidas na intervenção e as atividades de leitura e escrita desenvolvidas normalmente na escola, mencionou:

Ah, tá aí é fácil de responder, é que as tuas eram mais brincadeiras, diversão, ah entretenimento, jogos. Agora a professora mesmo, já é assim já é mais sério, tu copia mesmo, é aí é sério, é coisa da vida, quando é contigo é mais na brincadeira é mais suave.

A partir do relato acima, foi possível perceber que os jogos e brincadeiras, além de serem uma forma mais divertida de aprender, fazem com que a criança se sinta mais tranquila, ela não fica tão pressionada e nem com medo de errar, ela aprende e ainda

quando “erra” não se sente frustrada com o erro, pois não tem a cobrança relacionada ao ato de “errar”. Errar, perder ou ganhar fazem parte das regras do jogo.

Na turma na qual foi realizada a intervenção, durante o período de observação, visualizou-se várias vezes os educandos reclamando de ter que realizar atividades escritas; cada atividade que a professora pedia para eles escreverem, havia muitas reclamações e eles diziam não gostar de escrever.

As reclamações sobre as atividades escritas era algo comum. Inclusive, aconteceu na intervenção, quando solicitado uma atividade escrita, onde cada aluno teria que iniciar uma história em uma folha e passar para o colega de trás; muitos reclamaram e não estavam muito dispostos, mas ao sinal que eles deveriam passar as folhas para trás, tendo escrito ou não, no início muitos passaram a folha sem escrever nada, mas conforme foi passando começaram a se posicionar.

Mesmo que às vezes de forma negativa, ou seja, escrevendo ofensas para os colegas - e neste momento a atividade precisou ser interrompida e retomada a proposta onde foi indicado que esse tipo de escrita não era aprovado -, eles retomaram a escrita e alguns que não estavam escrevendo anteriormente começaram a escrever palavras doces e amigáveis para demonstrar aos colegas o que é de bom tom escrever, por iniciativa própria.

A partir desta atividade sobre a escrita livre fez-se uma reflexão sobre a importância da mediação frente às atividades livres, pois a má interpretação dos alunos poderia ter causado maiores conflitos. Dessa forma, percebeu-se que mesmo as atividades lúdicas precisam ser mediadas. Assim como afirma Tubelo (2013, p.3),

O brincar pode ser intelectual, pedagógico, terapêutico, socializador, simbólico, criativo, repetitivo, solitário, coletivo, paralelo. O importante é que ele promova autoria e autonomia, que possibilite à criança sua própria resolução dos conflitos ou desafios, onde o adulto tem papel apenas de mediador e não de condutor do brincar.

Defender a pedagogia lúdica enquanto recurso de aprendizagem torna-se fundamental, tendo em vista que esta ajuda os educandos a suprir suas dificuldades com leveza e motivação; acredita-se que, se a educação for semeada com diversão, não vai ser colhida com sofrimento.

Conclusão

A partir da intervenção, das observações e das entrevistas realizadas foi possível perceber que os jogos e brincadeiras são um grande estímulo para a aprendizagem dos educandos com dificuldades na leitura e na escrita. Ressalto que

muitas vezes os alunos não relacionavam as atividades lúdicas com atividades educacionais. Os aprendizes acreditavam que a aprendizagem não pode estar vinculada a atividades divertidas e estimulantes.

Para a construção da aprendizagem em relação à leitura e à escrita, é aconselhável trabalhar com textos cotidianos, que partam da leitura de vida das crianças (letramento) até a construção da leitura e escrita efetiva (alfabetização).

Obviamente nem sempre as atividades saíram da forma esperada, pois algumas vezes os alunos demonstraram ter dificuldades em realizar as tarefas. Contudo, percebeu-se através dos dados coletados, que eles aprenderam a enfrentar os desafios apresentados, uma vez que se tornaram mais participativos.

A partir da observação e da intervenção constatou-se que os alunos têm dificuldade de escrever efetivamente como deveriam. Dessa forma, foi diagnosticado como fator que causa a incapacidade de alfabetização dos alunos, o fato da turma encontrar-se no nível alfabético. Apesar de reconhecerem a forma da escrita e os sons que cada letra representa, os alunos escrevem com fortes marcas da oralidade. Isso se torna mais preocupante pelo fato de tratar-se de uma turma de quarto ano.

Contudo, acredita-se que cabe ao professor estimular os seus alunos nas atividades e o lúdico poderá ser desenvolvido através de práticas psicopedagógicas, tanto em atividades com o grupo (institucional) quanto em atividades individuais. Inicialmente, foi notável através da pesquisa que os aprendizes não se sentiam motivados para realizar as atividades relacionadas a leitura e a escrita. Conforme foi passando o período de intervenção, os alunos foram se apropriando tanto da leitura quanto da escrita, considerando que, para eles, escrever uma palavra era difícil; ao final das atividades, eles já estavam escrevendo frases, o avanço foi gradativo, porém significativo.

Ao chegar à conclusão, vimos o lúdico como uma metodologia eficaz para auxiliar no estímulo dos aprendizes em relação à escrita, bem como um incentivo para que os alunos prestem a atenção às próprias dificuldades de escrita. Os jogos competitivos fazem com que eles pensem antes de escrever ou falar e da mesma forma ajudam os alunos a se concentrar na escrita.

Acredito que os recursos psicopedagógicos, os jogos e atividades lúdicas baseados nas dificuldades de cada aprendiz, têm um grande potencial enquanto ferramenta para suprir as dificuldades de aprendizagem e que se esta prática for utilizada rotineiramente os aprendizes terão suas dificuldades supridas.

O lúdico enquanto prática psicopedagógica é uma possibilidade de auxiliar os alunos com dificuldade de aprendizagem, até mesmo porque muitas vezes esse impasse

está diretamente relacionado à maneira como ele aprende. Possibilitar uma forma diferente para a construção do conhecimento faz com que os indivíduos tenham uma condição a mais de aprender; é preciso perceber que cada pessoa tem a sua forma de assimilar e o psicopedagogo é o profissional habilitado a auxiliar as pessoas a lidar com as suas dificuldades e também a conduzir o processo de uma forma mais eficaz para que aprendizagem aconteça de fato.

Referências

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Porto Editora, 1994
- BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. **Estatuto da criança e do adolescente**: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. – (Série legislação; n. 83)
- BRASIL. **Lei Nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as leis de diretrizes da educação nacional, Brasília: 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC/SEB, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de 9 anos**: orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- CARVALHO, M. A. F. & MENDONÇA, R. H. (Orgs.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: MEC, 2006.
- CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: Um mergulho no brincar**. 3. ed. São Paulo: Vitor, 2001.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 2005.
- HÜSKEN, Rosane. **Psicopedagogia Clínica: diagnóstico e intervenção**. Pelotas: Cópias Santa Cruz Ltda., 2010.
- KIYA, Marcia C. da Silveira. **O uso de Jogos e de atividades lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem**. Material didático desenvolvido como requisito do PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Estado da Educação SEED, na área de Pedagogia. Ortigueira, 2014.
- LUZ, Marina Cabreira. OLIVEIRA, Maria Cristina Alves Ribeiro. SOUZA, Gelsenmeia Massuquette Romero. **Brincar é muito mais do que uma simples**

brincadeira: é aprender. In: <
http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5406_2779.pdf >, 2011.

MACIEL, F. I. P.; LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, M. L, MACIEL, F. I. P. E A, MARTINS, R. M. F. (Org.) **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo horizonte: Autêntica, 2008, p. 1333.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O brincar na escola: Metodologia Lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas/** Santa Marli dos Santos. 2ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Coleção brinquedoteca)

SILVA, A. **O psicopedagógico e as intervenções nas dificuldades de aprendizagem.** Disponível em: 08/07/2020. Disponível em: <<http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/attach/74460608/esp-addressajullybentodemedeirosilva-111021165426-phpapp02.pdf>>, 2012.

SILVA, Claudia & CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho de escolares com e sem transtorno de aprendizagem em leitura, escrita, consciência fonológica, velocidade de processamento e memória de trabalho fonológica. **Rev. psicopedag.** vol.30 no.91 São Paulo, 2013.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**, belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

TUBELO, Liana Cristina Pinto. **Psicocinética e Brincar: construção do vocabulário linguístico, escrito e psicomotor da criança**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

Recebido em: nov.2020

Aceito em: dez.2020